



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/racismo-climatico>

Quando a crise climática esbarra no racismo

Por | Emanuely Miranda

Editora | Susana Dias

O racismo determina como e sobre quem as crises climáticas são deflagradas com maior intensidade

As estatísticas comprovam o que muitas pessoas sentem diariamente sobre suas próprias peles. Em 2021, um relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC) indicou que a temperatura média do planeta tendia a aumentar 1,5°C. No entanto, um estudo mais recente da Organização Meteorológica Mundial, advertiu sobre a probabilidade de ultrapassarmos o aumento previsto anteriormente. Estima-se que um dos próximos cinco anos seja o mais quente desde o começo dos registros históricos a respeito. Esses dados apontam para o fenômeno da crise climática, cuja manifestação não se encerra em dados quantificáveis e ameaça forças que não se medem: as vidas. Sobretudo, as vidas racializadas.

Ana Cláudia Sanches, mestra em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública e doutoranda em Mudança Social e Participação Política na Escola de Artes, Ciências e Humanidades pela Universidade de São Paulo (USP), se insere na cena científica para pensar as intersecções entre meio-ambiente, clima e raça. Ela reconhece a resistência do universo acadêmico ao debate, sobretudo pelo fato de que os eixos temáticos envolvidos ainda estão sob hegemonia branca. Sendo assim, em contrapartida, nos convoca a demarcar o racismo e o colonialismo nas problemáticas de degradação, vulnerabilidades e poder.

Sanches menciona que as teorizações em torno das intersecções entre meio-ambiente, clima e raça começaram na década de 90, quando movimentos sociais e pesquisadores trouxeram enfim o



debate para a universidade. Nesse momento, surgiram denúncias sobre casos de racismo ambiental, ou seja, a exposição de comunidades racializadas a riscos e exclusões de cunhos socioambientais.

No livro *O quarto de despejo: diário de uma favelada*, mencionado por Sanches, a escritora Carolina Maria de Jesus (2014) relata sua vivência em periferia e conta, ainda que sem nomear, seu próprio caso de racismo ambiental. “Em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos” (Jesus, 2014, p. 170).

No entanto, infelizmente, o problema não para por aí. O racismo ambiental, cedo ou tarde, deflagra o racismo climático. “As populações que são impactadas por eventos extremos, como a chuva ou a seca causadas pelas mudanças climáticas, sofrem com o racismo climático, pois elas já vivenciavam uma situação de racismo ambiental, que as colocava em uma situação de risco e vulnerabilidade”, Sanches explica.

Nesse sentido, ela menciona um caso de catástrofe recente que atingiu o litoral norte do estado de São Paulo em março de 2023, com chuvas. Enquanto pessoas com mansões conseguiram recorrer a helicópteros para saírem da região em risco, os moradores e as moradoras de encostas sofreram perdas materiais e humanas irreparáveis.

Em situações de colapso, as desigualdades se escancaram a céu aberto. Portanto, importa pensar em quem ocupa os espaços mais expostos às consequências das catástrofes. “Se pensarmos na população negra e indígena urbana, podemos apontar como elas estão distribuídas nas cidades como São Paulo de forma desigual em espaços sem moradia adequada, sem esgoto tratado, com baixo acesso à energia e infraestruturas. Muitas ocupam as chamadas áreas de risco e isso as deixa mais vulneráveis a alagamentos e desmoronamentos”, relata.

Sanches prossegue mencionando os casos de populações indígenas que vivem no campo. “Podemos olhar pela questão da ausência de demarcação de terras, pela contaminação do solo, pela



exploração de minério, pelo genocídio, pela falta de acesso à saúde para tratar as doenças causadas pelo garimpo, pela violência e ameaças sofridas”, continua.

Seus apontamentos se aproximam das articulações feitas pela jornalista Eliane Brum (2019) no livro *Brasil: construtor de ruínas*. Ao pautar o modo como se dá a crise climática em nosso país, ela diz que os povos indígenas são os primeiros a morrer. Embora o cosmos esteja naufragando por inteiro, há quem se afoga e há quem vaga pelas enchentes com chances de pisar em terra firme mais uma vez. “Não estamos no mesmo barco. Não estamos mesmo. A maioria só tem barquinhos de papel”, (Brum, 2019, p. 274).

Ainda importa mencionar que o naufrágio começou quando os europeus aportaram nos continentes africano e latinoamericano. Antes mesmo da Revolução Industrial, que demarcou o princípio da crise climática, a colonização abriu precedentes para a exploração da natureza. Com práticas de invasão contra terras e seres, fragilizaram o cosmos e o tornaram suscetível a problemas de proporções severas como o aquecimento global. “Países do norte global que expropriaram nossas riquezas naturais e deixaram nosso ecossistema degradado em nome de um “desenvolvimento” são os responsáveis pela crise ecológica”, Sanches aponta.

No livro *As veias abertas da América Latina*, encontram-se conexões com os problemas aqui expostos. Nele, o escritor Eduardo Galeano (2004) dá a ver a economia de exploração que se instaurou neste canto do mundo e expõe as consequências socioambientais que nos devastou. Ele passa por monoculturas e minerações para dizer que, no final das contas, aquilo que se nomeia como desenvolvimento tem mais naufragos do que navegantes.

Sobre isso, Sanches comenta que o modelo de produção de riqueza só serve a alguns e condena uma maioria a viver em um ambiente devastado. Ainda de acordo com suas palavras, essa mesma maioria padece como explorada através da força de trabalho mal remunerada e se vê diante de riscos por falta de opção.



Logo, ao pensar os acontecimentos climáticos, faz-se necessário considerar e problematizar os atravessamentos étnicos e sociais que os determinam como desastres cósmicos sobre vidas racializadas.

Bibliografia:

Brum, Eliane. **Brasil: construtor de ruínas**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.

De Jesus, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

Galeano, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Emanuely Miranda é mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com

Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista *ClimaCom*: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>